

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FOCO: CHARLIE SHACKLETON
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA
6 e 10 de maio de 2025

ZODIAC KILLER PROJECT / 2025

Um filme de Charlie Shackleton

Realização, Narração e Montagem: Charlie Shackleton / Produção: Catherine Bray, Anthony Ing, Charlie Shackleton / Produção Executiva: Charlotte Cook / Direção de Fotografia: Xenia Patricia / Operador de Foco: Alex Tan / Música: Jeremy Warmley / Interpretações: Guy Robbins (Lyndon), Lee Nicholas Harris (Tucker) / Cópia: DCP, a cores e a preto-e-branco, falado em inglês com legendas eletrónicas em português / Duração: 97 minutos / Estreia Mundial: 27 de janeiro de 2025, Festival de Sundance, Estado Unidos da América/ Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

Com a presença do realizador.

E se Charlie Shackleton tivesse, *de facto*, realizado o seu documentário, repleto de cenas de reconstituição e estilosas soluções de montagem, acerca do infame *serial killer* norte-americano, que ficou genericamente conhecido como *Zodiac*? A premissa deste ensaio metarreferencial, não tanto de *making-of* mas de *making-up*, baseia-se no pressuposto de que a *possibilidade* é – e será sempre – mais fascinante do que a *concretização* propriamente dita. O que entusiasma a narração do realizador, face a esse filme que não aconteceu, mas que esteve quase a ir para a frente, é exatamente o exercício “what if”, mexendo e remexendo numa panóplia bem sofisticada, muito *tongue in cheek*, de lugares-comuns no âmbito do típico documentário de “true crime” ou de investigação criminal.

Ao emaranhado entre o filme-projeto ou o filme-hipótese, a tapeçaria elaborada de referências *pop* e a indagação em torno de tropos recorrentes nos documentários do género soma-se uma belíssima coleção de planos, em jeito de quadros quase imóveis, dos espaços e paisagens americanas onde a ação decorreria. Um pedaço de videoarte que lembra os *tableaux* cinematográficos de James Benning ou, no caso de planos de interiores ou de pormenores, os altamente estilizados blocos de ficção/reconstituição presentes nos filmes de Errol Morris. É o próprio Shackleton, na sua narração (falsamente?) improvisada, que diz pretender realizar um “true crime doc” com todos os condimentos, numa mistura artificiosa e *over the top* de factos, especulação e “high drama”.

A escrita do jovem cineasta britânico é, como sabemos, atreita a este escarninho sentido de torção daquilo que sinaliza e calcifica as boas práticas em termos documentais ou jornalísticos. Quando confessa a sua surpresa pelo facto de ter levado uma nega da família do autor do livro que pretende adaptar, o agente Lyndon E. Lafferty, em torno de uma investigação pessoal levada a cabo no sentido de finalmente descobrir a identidade do assassino conhecido como *Zodiac*, entre as hipóteses que avança não contempla aquela que será a mais óbvia e natural: o que lhe interessa neste caso é a sua intrínseca implausibilidade e o estilo “pulposo” da escrita de Lyndon. Shackleton gosta – e ri-se, em jeito de paródia – da maneira como Lafferty *finta* a verdade, adapta as circunstâncias à sua tese primeira ou, enfim, ao seu estilo e sentido “dramatúrgicos”.

O interesse pelos géneros mais *pop* do terror e do *teen movie* (vide **Beyond Clueless** [2014] e **Fear Itself** [2015]) subjaz essa irresistível tentação, presente na escrita cinematográfica de Shackleton, de acabar por não levar muito a sério os procedimentos ou de acrescentar sal, pimenta e *ketchup* às narrativas, mesmo que isso implique “vender gato por lebre”. A diferença entre Shackleton e Lyndon é que o primeiro procede assim de maneira perfeitamente consciente. Mostra-se irónico – um *joker* quase constante – enquanto reabre o “cold case” em questão, lidando com a investigação pessoal de Lyndon um pouco como faz o ator/personagem Ross Sutherland em **Missing Episode** (2017), este que se propõe descodificar os contornos do acidente de viação que sofreu na juventude através de um episódio da *soap opera* inglesa **EastEnders**, o mesmo que abandonou antes de seguir viagem no carro em breve sinistrado do amigo. Muitos dos filmes de Shackleton são assumidas brincadeiras – **Paint Drying** (2016) é, até hoje, a mais conhecida e *literal* provocação da sua filmografia – mas os filmes, eles mesmos, também são montados (ou desmontados) como brinquedos. Neste caso, temos sempre, no subtexto, a possibilidade de um filme que não chegou a ser, mas também por trás desse subtexto há o caso mil vezes adaptado e ficcionado, tendo a mais bem sucedida recriação, que não é aqui convocada, a assinatura de David Fincher.

Nas mãos de Shackleton, o caso criminal transforma-se numa abstração, isto é, em matéria maleável pelo génio diabólico, mas nunca demasiado perverso (os seus risos são assaz juvenis), de Charlie Shackleton, fazendo da paranoia o principal motivo de um olhar industriosamente paródico. Se não conseguimos mais acreditar na verdade material deste caso ou de nenhum outro, resta-nos apreciar o virtuoso trabalho de mistura (*mixage*) que nos dá a degustar o prazer quase *soap* pelos pormenores inúteis ou as especulações e efabulações mais mirabolantes. Até já sobre isto Shackleton “se pronunciou” cinematograficamente, no seu filme sobre *fake news* e teorias da conspiração significativamente intitulado **Personal Truth** (2017). E convence-nos, no final deste **Zodiac Killer Project**, de que sim, é isso mesmo: “se non è vero, è ben trovato”.

Luís Mendonça